

PALAVRA DE REZA NO DIA DE SÃO NUNCA

Ana Cristina da Silva Pereira(UNEB)

O conto ***O dia de São Nunca***, objeto de análise deste estudo, está presente na obra **Meninos, eu conto** do escritor baiano Antônio Torres, recém-eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Publicado em 1999 é dirigido ao público infanto-juvenil, mas não somente.

Tem como narrador protagonista um menino portador de deficiência física e inabalável fé, que vive à espera de um milagre, capaz de retirá-lo do catre e da sua situação de isolamento físico. A narrativa transcorre em um cenário no qual o menino encontra-se sozinho em casa, visto que sua mãe viúva tem como fonte de renda o trabalho na lavoura que lhe ocupa o dia inteiro. Passando boa parte do tempo sem nenhum contato social, o menino se ocupa com rezas ao seu Santo Antônio no nicho e também através de conversa com as lagartixas que passeiam pelas paredes da casa, até que um dia surgem misteriosamente três forasteiros que invadem seu casebre, tiram fotos, fazem perguntas e promovem uma grande comoção popular por, inesperadamente, furtarem a imagem do santo e partirem sem deixar rastros.

O conto é ambientado na zona rural, assim como parte importante da produção romanesca torreana. Trata-se de uma obra ficcional, ainda que traga reminiscências da infância do autor, através da representação literária de sua cidade natal, Junco, atual Sátiro dias, no interior da Bahia. Antônio Torres promove assim a transformação de um espaço geográfico real e conhecido em espaço literário, imaginário. Admite a similaridade entre a paisagem descrita nos seus romances e o povoado onde viveu durante a infância. Em entrevista a Aleilton Fonseca, Torres elucida:

Os cenários, os rostos e as vozes da minha infância contribuíram imensamente para a formação do meu imaginário. Agora, quanto ao momento em que os espaços geográficos se transformaram em espaços literários, eu me lembro: foi numa noite, na cidade de São Paulo, quando minha mulher, a Sonia, me pediu para lhe contar uma história do meu tempo de menino. Conteí-lhe. E percebi que ela ficou muito emocionada. No dia seguinte escrevi um conto, ao qual dei o título de ***Segundo Nego de Roseno***, que hoje está num livrinho chamado **Meninos, eu conto**. É uma historinha singela, passada no Junco, que é hoje a cidade de Sátiro Dias, onde nasci. E foi

1

Realização:



Apoio:



exatamente esse conto que deu origem ao **Essa Terra**, que é o meu terceiro romance. Aí o Junco transformou-se definitivamente em matéria da minha memória, com todos os desdobramentos conhecidos, pelo menos para quem já me leu como no recente **O Cachorro e o Lobo**. No meu caso, o vivido conta muito. Tanto que há quem pense que tudo o que escrevo é autobiográfico. Nem tanto. E o ficcionista, onde é que fica? (TORRES. 2002).

Ao seu relato ficcional o autor acrescenta lembranças armazenadas na memória do vivido, reelaborando-as numa escrita que preserva os traços identitários de sua terra natal, com uma sensibilidade que retrata aspectos culturais que já não existem na cidade grande e chegam a causar estranheza aos mais jovens ou desavisados.

Não se trata, pois, de um texto autobiográfico simplesmente. Podemos afirmar que a utilização de elementos do real nesta obra ficcional é estabelecida através de um pacto fantasmático, conceito que, segundo Hoisel, opõe-se ao pacto autobiográfico, por ser próprio da ficção e através do qual se busca uma saída, ainda que precária, para o parentesco entre o discurso ficcional e o autobiográfico. (HOISEL, 2006, p. 31). Desse modo Antônio Torres urde nesta construção narrativa lembranças do real com ferramentas de literariedade que a ficção permite.

A criação literária do conto **O dia de São Nunca** segue o modelo apontado por Antônio Cândido em **A personagem do romance**, onde nota o fato de que o paradoxo da verossimilhança da criação literária é conferido por um personagem fictício, isto é, uma criação da fantasia, capaz de comunicar a impressão da mais “lídima verdade existencial.” (CÂNDIDO. 1992, p. 55). Observa ainda que essa visão de literatura, desenvolvida a partir do século XX é significativa de uma dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres/personagens refletidas de maneira por vezes trágica, sob a forma de incomunicabilidade nas relações.

Em **O dia de São Nunca**, Antônio Torres apresenta uma situação de incomunicabilidade, já nas linhas iniciais do conto, ao apresentar um fluxo interpretativo da consciência do menino, através de uma análise pessoal que rememora detalhes do nojo e repulsa que a personagem visitante demonstra diante de uma lagartixa, animal a quem o menino se dirige com certo carinho. Antônio Torres escreve:

Lagartixa? Ui!

Aquilo era nojo, o menino sabia. Agora era capaz de vê-lo de perto, via-o por trás das palavras, de cada uma das duas únicas palavras que a moça disse: o nojo estava estampado em seu rosto, na sua perturbadora cara de espanto, no tremelicar de seus braços arrepiados, como se esta estranha moça tivesse num repente, pressentido a própria morte. Nojo de uma coisa que ninguém devia ter nojo, o menino pensou, encolhendo-se ainda mais debaixo da coberta encardida que ele puxou sobre as pernas. Ele pelo menos não tinha. Talvez já soubesse também (ou suspeitasse) a pior das verdades: era dele que a moça estava com nojo e não apenas daquilo que ele disse quando falou em “minha irmãzinha lagartixa”. Havia dito isso com a mesma e tranquila certeza com que falara antes em “meu paizinho Santo Antônio”, apontando para o santo no nicho à sua frente, seu velho companheiro de todos os dias, como as lagartixas. (TORRES. 2002, p. 41-2)

A essa incomunicabilidade aludida por Cândido, o autor traz recursos narrativos que estão em consonância com a caracterização apontada por Bella Jozef ao discorrer sobre os traços que identificam a literatura fantástica. Afirma a autora:

A verossimilhança, dado fundamental do mundo do leitor, não afeta o universo do protagonista narrador na literatura fantástica, que aceita como naturais as ocorrências insólitas de sua própria narração. A impossibilidade de explicação é o desenvolvimento narrativo da ruptura entre o evento particular e a norma geral. Essa ruptura exclui a narrativa fantástica dos domínios da excentricidade e da pura fantasia. (JOZEF. 1986, p. 189)

Defendemos que tais noções forjam o conto **O dia de São Nunca**, através da ação de personagens que se afastam da linearidade. O menino do conto em estudo é enquadrado, segundo nos parece, como personagem representativa de uma realidade social brasileira particular, criada através da concessão de espaço narrativo que dá visibilidade a uma realidade simbólica que representa uma comunidade deslocada da ideia hegemônica de identidade e cultura brasileiras.

Trata-se de um mundo mítico e social que forja a cultura de parcela da população brasileira projetada através de suas rezas, palavras e rituais que parecem não ter sentido lógico para os que não fazem parte dela, conforme se nota no trecho abaixo, no qual os três visitantes trocam impressões sobre a fé do menino:

O menino ficou olhando para o santo lá em cima, nas mãos do rapaz. Disse:

-Reze meu filho, reze. Paizinho Santo Antônio vai te ajudar. Mamãe me diz isso todo dia quando sai de casa. E eu rezo todo dia. Meu paizinho Santo Antônio vai me ajudar.

-Claro que vai – disse o branco, abaixando o santo. E para os dois companheiros:

-Estranhíssimo, não é?

O menino ficou orgulhoso com esta observação. Era um elogio ao santo, ele pelo menos achou que era isso.

- Tudo tão primitivo- repetiu a moça. Balançando a cabeça e mordendo os beiços. Parecia em desacordo com alguma coisa, que o menino não chegou a adivinhar o que era. (TORRES. 2001, p. 58-9)

Entretanto, os personagens forasteiros, ainda a perquirir sobre o modo de vida do menino preso ao catre, são confrontados com duas situações que, ao apontarem para o desconhecimento do caráter de fé de parcela do povo sertanejo, coloca o menino em situação de detentor de um conhecimento específico e particular, numa ruptura insólita dos lugares sociais que coloca o menino como detentor de um saber distinto e particular, conforme se observa nesta primeira situação:

A moça quis saber onde a mãe dele estava trabalhando. O menino disse:

- Na roça. Está plantando feijão. - E acrescentou:

- Mas ela é rezadeira.

Então a moça disse:

- O que é isso?

O menino sorriu. Agora, sim, ele estava verdadeiramente excitado. Tanto que lambeu os beiços e esfregava uma mão na outra, apertava uma mão com a outra, estalava os dedos. Então havia uma coisa que essa moça não sabia? Então ele agora ia poder dar uma lição para estes sabidos? Ia. Nenhum deles sabia o que era rezadeira. Faziam confusão, falavam em gente que vive rezando. (TORRES. 2001, p. 53-4)

Pela articulação dos personagens representativos de realidades e fés distintas apresenta-se no conto torreano o sutil conflito existente no bojo da realidade mítica e social de parcela da população sertaneja, detentora de uma cultura, fé, visão de mundo desconsiderada, silenciada e não compreendida pelas personagens forasteiras. Diante do solitário deficiente físico, os forasteiros demonstram livremente sua insensibilidade e curiosidade exacerbada que beira a morbidade e que resulta no ponto crucial do conto: a fé na palavra (mítica) a configurar distintos lugares sociais, conforme notamos:

- Mamãe me reza todos os dias - disse o menino, satisfeito com todas as explicações que conseguia dar.
- E apesar disso... - a moça não completou, mas ele percebeu o resto. E apesar disso você continua assim. Ela disse outra coisa rapidamente, para consertar:
- Será que você não acredita nisso, não tem fé nisso?
Como se não tivesse ouvido esse pedaço da conversa, ele voltou a imitar a mãe:
- Que esse menino fique bom, de hoje para amanhã – riu.
- Acho que amanhã é o Dia de São Nunca.
- O que é “é de metetéia, é de manenanha? - a moça era quem assim falava.
Os dois rapazes, na maior parte do tempo, só se preocupavam em tirar retrato.
-Não sei. Acho que ninguém sabe. Palavra de reza a gente não precisa saber o que é. Basta ter fé. (TORRES. 2001, p.56-7)

A fé da personagem protagonista é passiva. Aparentemente não há nenhuma contestação ao sistema, nenhuma crítica às estruturas vigentes. Contudo, **O dia de São Nunca** é um conto aberto, metáfora de um mundo real, conforme Bella Jozef que compreende que a literatura fantástica apresenta um discurso aberto, de pluralidade de significados, ambíguo e passível de um acontecimento surpreendente.

Em sua conceituação do fantástico aponta o caráter aberto de certas obras contemporâneas que recriam o mítico pela introdução de estranhamentos na narrativa, na articulação de personagens conflitados com a realidade e desinteressados de correr os modelos estipulados pela sociedade, personagens complexos, contraditórios, profundos e humanos. (JOZEF. 1986, p. 194).

O mito nos coloca no limite do dito, às margens do silêncio, do não dito. A polissemia e dinamismo do conto objeto deste estudo residem na abertura de interpretação que se permite fazer. O autor trabalha numa zona ambígua entre o dito e não dito, processando através do estranho uma tentativa de elaboração do real. De acordo com o entendimento de Jozef:

Assim é que, ao desestruturarem a linguagem, os escritores transformam uma época e sua mentalidade, propondo a linguagem como fator de renovação e reelaboração da vida e de uma comunidade; haverá a procura de uma linguagem que possa conter a realidade do homem. (JOZEF. 1986, p. 195)

Talvez Antônio Torres pudesse estar se referindo a parcela da população nordestina que, vivendo as agruras sócio-econômicas da falta de assistência política,

utiliza-se de sua religiosidade como única fonte de transformação social. Trata-se de uma proposta literária própria da literatura fantástica, um engajamento que utiliza a linguagem como fonte de renovação e reelaboração de uma dada realidade. Jozef esclarece:

Dentro dessa problemática, a literatura propõe-se a recusar a linguagem como forma de sustentar e reforçar a realidade. Ao fazê-lo, põe em questão o próprio conceito do real, encarado como uma apreensão unilateral das coisas, limitadora do conhecimento. Propõe-se educar a imaginação para novos reflexos, através da procura de novas imagens poéticas, negando as formas gastas e codificadas pela linguagem. (JOZEF. 1986, p. 200)

Essa tendência realiza-se através de uma construção que nega a dicotomia entre real/irreal, verdade/ficção. No conto de Torres, observamos que o espaço geográfico em que transcorre a diegese da trama assume, para além do narrado, a importância de se constituir como simulacro dos descaminhos e perplexidades de parcela da população brasileira incompreendida em seus valores culturais e em sua linguagem, interpretada como mera “palavra de reza” a ser entoada, ilógica porque descontextualmente, diante dos que representam a cultura entendida como civilizada.

Confrontam-se o modo de vida e valores existentes ainda hoje nas paragens mais distantes do território sertanejo brasileiro contra uma autodeclarada civilização, numa literatura que é a expressão do mal metafísico do ser e da ordem insólita do mundo revelada através do estranhamento frente ao diferente e não abarcado por essa dita civilização. Trata-se de uma narrativa fantástica e estranha. Entende-se como gênero fantástico estranho aquele que abarca acontecimentos explicados por leis da realidade. Contudo, no conto em estudo, as leis da realidade não são inteligíveis às personagens do conto.

Revela-se em ***O dia de São Nunca*** o fosso intransponível entre um passado mítico, de valores arraigados, tradicionais e incontestáveis representados pela fé e caráter do menino do conto e o desrespeito ao diferente, através dos personagens forasteiros, representantes da face perversa de uma suposta civilização, mas que, na verdade, se apresenta como caos e degradação de tudo o que considerado inapropriadamente “estranhíssimo”, arcaico ou “primitivo”, conforme a definição das próprias personagens.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. IN: CANDIDO, Antonio et. all. *A personagem de ficção*. 9ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.p. 53-80

FONSECA, Aleiton. *O estilingue da memória*. Disponível em: <http://www.antoniotorres.com.br/>. Acesso: 15 de fevereiro de 2014.

HOISEL, Evelina. *Literatura e biografia: a trama das relações*. IN:____. *Grande sertão: veredas: uma escritura biográfica*. Salvador: Assembleia Legislativa do estado da Bahia; Academia de letras da Bahia, 2006. p. 20-42.

JOZEF, Bella. *O fantástico e o misterioso*. IN: _____. *A máscara e o enigma: A modernidade da representação à transgressão*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986, p. 183-227.

TORRES, Antônio. *O dia de São Nunca*. IN:____. *Meninos,eu conto*. Rio de Janeiro:São Paulo: Record, 2001.

TORRES, Antônio. *Vida e obra*. Disponível em: <http://www.antoniotorres.com.br/> Acesso em:15 de fevereiro de 2014.